

MULHER, MÃE E EQUILIBRISTA: O IMPACTO DA SOBRECARGA DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES DOCENTES

Letícia Rangel Aguiar¹

Monick Leonora Inês Kort-Kamp²

Resumo: Este escrito busca relatar a experiência como integrante da pesquisa “*Home office* em tempos de pandemia: Um estudo sobre a saúde mental em mulheres docentes de universidades públicas brasileiras”. Essa pesquisa visou conhecer a modalidade de trabalho *Home Office*, que foi utilizada durante o período da pandemia do COVID-19 para, assim, compreender os impactos gerados na saúde mental de mulheres docentes de universidades públicas de todo território nacional, as quais tiveram sua jornada de trabalho intensificada, tendo em vista a alta demanda por produtividade e jornadas duplas/triplas de trabalho nesse contexto. Sua metodologia constituiu-se em natureza qualitativa com etapas de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, em duas etapas, a saber: a primeira realizada através do questionário *online*, disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*, e a segunda por meio de entrevista síncrona, através de plataformas de comunicação digital. Ao longo do desenvolvimento deste relato será notória a percepção da necessidade de pesquisas que visem a saúde mental desse grupo de mulheres, em especial as que também experienciam o maternar e o quão essa pesquisa tem somado na formação acadêmica de seus integrantes.

Palavras-chave: *Home office*; Pandemia; Mulheres docentes; Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, pode-se destacar que os aspectos históricos da sociedade enfatizam a desigualdade existente entre gêneros. Contudo, para compreender as concepções atuais é preciso relembrar alguns fatos históricos. O capitalismo desde tempos remotos se faz presente e dificulta gradativamente a igualdade. Exemplificando o exposto, temos a Revolução Industrial, momento em que havia a presença maciça de mulheres nas fábricas têxteis, trabalhando por muitas horas e em condições desfavoráveis. Além disso, para a sociedade elas deviam obediência aos seus maridos, e mesmo que a remuneração fosse menor do que a dos homens, continuavam a trabalhar para ajudar nos custos da casa (HANNAH MCCANN et. al., 2019).

Simultaneamente ao capitalismo, foi instaurada também a divisão sexual do trabalho, segundo Danièle Kergoat (2002 apud ÁVILA, 2009, p. 09); no espaço capitalista a força de

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (UFF/ESR).

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (UFF/ESR).

trabalho é vendida como uma mercadoria e, em contrapartida, o espaço doméstico passa a ser uma unidade familiar reprodutiva da força de trabalho e não mais uma unidade familiar e produtiva, como no período feudal (KERGOAT, 2002 apud ÁVILA, 2009, p. 09). Dessa forma, mesmo exercendo trabalhos assalariados, as mulheres continuaram obrigadas a cuidar do lar, e a presença do patriarcado nas relações de trabalho era constante. Segundo Ávila:

(...) no sistema capitalista, essa hierarquia é mantida e reestruturada a partir da coexistência entre capitalismo-patriarcado e por meio da relação exploração/dominação das mulheres, que se altera nas diversas etapas do desenvolvimento desse sistema, mas permanece como constitutiva da sua lógica e necessária à sua reprodução. (ÁVILA, 2009, p. 09).

Posto isso, Friedrich Engels (2012) ressalta que o patriarcado associado ao capitalismo vai dominar, explorar e oprimir as mulheres. E com relação aos tempos atuais, isso ainda se faz presente. O autor também aponta que na família o homem é o burguês e a mulher, todavia, representa o proletário (ENGELS, 2012, p. 80). Sendo assim, observa-se que a imposição patriarcal das atividades domésticas às mulheres, somada a outras formas de trabalhos, acarretam em uma sobrecarga a esse grupo, gerando uma dupla/tripla e intensa jornada de trabalho.

Insta salientar que atualmente, na sociedade, naturalizou-se essa dupla jornada de trabalho da mulher, existente há muitos anos. O trabalho doméstico e o trabalho externo são subentendidos como função natural da mulher, e um fator que insiste em colocá-las em uma posição de sobrecarga é o machismo estrutural, levando as mulheres a assumirem diversas funções na vida, como se apenas elas pudessem realizá-las, e o gênero masculino não fosse capaz de desenvolvê-las.

Devido à crise sanitária causada pelo vírus COVID-19 e vivenciada a partir de março de 2020 (medida provisória 926, de 20 de março de 2020), o *Home Office* encontrou-se presente na vida de muitas pessoas. Essa modalidade intensifica o processo de trabalho e aumenta o desgaste físico e mental das trabalhadoras. Para as que são mães, na maioria das vezes ficam sob sua responsabilidade: atividades profissionais, tarefas domésticas e ainda tarefas maternais.

Visando compreender como as questões de gênero atravessam a vida das mulheres, devido à lógica patriarcal, e que atividades consideradas como trabalho estão além da remuneração, constata-se a necessidade de pesquisas que tenham como ênfase a saúde mental de mulheres, tendo em vista a dupla/tripla jornada de trabalho que elas experienciam. Assim,

esta pesquisa destina seu olhar para as mulheres que também são docentes de universidades públicas brasileiras, e tem como subgrupo mulheres que também vivenciam o maternar.

Considerando os fatos supracitados, o principal objetivo da presente pesquisa é investigar como o processo de trabalho remoto, realizado durante o período de pandemia de COVID-19, impactou na saúde mental dessas mulheres, partindo dos relatos de docentes e pesquisadoras e considerando as relações de gênero na divisão sócio sexual do trabalho. A relevância dessa pesquisa está em buscar compreender a relação desses processos de trabalho remoto, que têm sobrecarregado as mulheres, com o possível aumento dos adoecimentos psíquicos.

METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo que conta com uma revisão bibliográfica que se baseou em obras, artigos, livros e publicações, e com uma pesquisa de campo realizada em duas etapas, a saber: a primeira consiste em um questionário *online*, disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*, em que se obteve 448 respostas de mulheres docentes de faculdades públicas brasileiras. Esse formulário contém perguntas objetivas (voltadas para a identificação) e perguntas abertas para coletar informações, como: dados sociodemográficos, *Home Office* e suas implicações, saúde mental, jornada de trabalho e saúde, entre outras. As perguntas abertas objetivam deixar a docente à vontade para complementar e/ou pontuar questões que considerem pertinentes, aprofundando o que julgarem necessário.

Outrossim, no momento da publicação deste relato a segunda parte da pesquisa de campo está sendo realizada, uma etapa que consiste em realizar entrevistas semiestruturadas com 10% das docentes que responderam ao formulário de cada região do Brasil. As entrevistas permitirão aprofundamento das particularidades sobre as condições de vida de trabalho dessas docentes em cada região do país. Os convites estão sendo enviados por *e-mail* e os encontros serão marcados de acordo com a disponibilidade das docentes. Ressalta-se que os encontros acontecerão por meio de plataformas de comunicação digitais, como *Skype*, *Zoom*, ou *Google Meet*.

A primeira análise de conteúdo consistiu em uma pré-análise, quando todo material coletado foi analisado e organizado. A segunda fase se deu por leitura e análise, de acordo com o que foi estabelecido na primeira fase. Já a terceira fase será de tratamento dos dados obtidos e de sua interpretação, adotando procedimentos de análise qualitativa, sem excluir

dados quantitativos. Portanto, as perguntas fechadas terão um tratamento quantitativo, visando estabelecer uma classificação que ajude na interpretação dos dados. As perguntas abertas, no entanto, serão submetidas à análise de conteúdo.

A participação das docentes ocorreu de maneira voluntária, e sem nenhuma compensação financeira. Caso uma delas opte a qualquer momento por não participar da pesquisa, poderá sair sem nenhum prejuízo para si. Posto isso, destaca-se ainda que essa pesquisa elaborou dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um para o questionário e outro para entrevistas com as docentes, no qual são discriminados os objetivos, importância, riscos, benefícios e demais características da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *Home Office*, bem como o Ensino Remoto, que foram utilizados como estratégia de manutenção do trabalho durante o período de pandemia do COVID-19, mais precisamente de 2020 ao início de 2022, propiciou atravessamentos que levaram quatro graduandas³ à escolha do tema “Saúde mental em Discentes de Universidades públicas e privadas”, para a realização de um trabalho com tema livre em uma disciplina intitulada Psicopatologia Especial, na Universidade Federal Fluminense.

Isso posto, em decorrência do trabalho surgiu a oportunidade de participar dessa pesquisa, que era composta pela docente⁴ que ministrava a disciplina em questão e duas mestrandas⁵. Assim, sabendo que a pesquisa se direciona para mulheres docentes, a inserção nela possibilitou contato com os atravessamentos e vivências desse grupo durante esse período que foi vivenciado de maneira singular por cada uma. Em fases iniciais, pôde-se acompanhar a divulgação via *e-mail* e coleta de dados através do formulário que foi enviado para docentes de universidades públicas de todo território nacional, com equidade em todas as regiões do país.

Destarte, a ampliação do repertório de leitura e escrita, acompanhar o tratamento dos dados e ver as respostas dessas mulheres gerou amplo conhecimento sobre saúde mental, atravessamentos do trabalho na vida da mulher, diferentes formas de vivenciar o trabalho e suas jornadas, e das implicações da maternidade na vida da mulher. Desse modo, a inserção

³ Dentre as quais Stephane Mattos Meireles (UFF - Campos dos Goytacazes) e Maria Eduarda da Silva Pena (UFF - Campos dos Goytacazes).

⁴ Bruna Pinto Martins Brito (UFF - Campos dos Goytacazes).

⁵ Edith França de Carvalho (ENSP/Fiocruz) e Isabella de Souza Maio (ENSP/Fiocruz).

nessa pesquisa possibilitou expandir os conhecimentos sobre o entendimento do que é o trabalho, além de sobre gênero, raça-cor, sociedade, lógica capitalista e patriarcal, e também auxiliou-nos a aprender sobre pesquisa qualitativa, literatura científica e autores relevantes acerca dessas temáticas, principalmente mulheres.

Em que pese à singularidade de cada docente, a urgência por produtividade e alta demanda destinada a esse grupo de mulheres foi perceptível. Um exemplo que demonstra bem essa cobrança é o caso de mães que maternam e tem o seu currículo *lattes* comparado ao de homens nesse período. A alta demanda por produtividade pode acarretar grandes impactos na saúde mental dessas mulheres, visto que muitas não conseguem cuidar de sua saúde mental e outras relacionam a saúde mental apenas à saúde física ou a outras atividades.

Dentre os resultados obtidos, 62,6% afirmam ser mães e com isso tem a sua jornada de trabalho intensificada. Ademais, 36,7% consideram o trabalho docente realizado na modalidade *Home Office* como não produtivo, enquanto 35,1% consideram que nem sempre é produtivo. Dessa forma, a experiência com a pesquisa tornou perceptível a necessidade de estudos sobre a saúde mental desse grupo de mulheres, bem como a proposição de intervenções.

CONCLUSÃO

Considerando o exposto, concluímos que é importante ressaltar que a temática da pesquisa é pouco abordada nas discussões atuais, mesmo que historicamente as mulheres trabalhadoras já estivessem inseridas neste contexto. Sendo assim, quando esse tema é pesquisado e levado para discussões é perceptível a realidade e necessidade de proposição de mudanças. Dessa maneira, podemos destacar a relevância dessa pesquisa, principalmente, devido ao recente contexto de crise sanitária que o mundo veio enfrentando.

Em virtude dos fatos supracitados, a integração nessa pesquisa proporcionou ganhos acadêmicos incalculáveis, no que tange a aprendizagem sobre aspectos que envolvem gêneros, sociedade e trabalho, considerando que, para compreender o contexto presente de vivência das mulheres docentes que também experienciam a maternidade, é impreterível conhecer sobre aspectos históricos e sociais e todos os atravessamentos que permeiam a vida da mulher. Ademais, ter contato com uma pesquisa desde o seu início, através do tratamento dos dados e da escrita, nos proporcionou uma rica experiência acadêmica tanto na teoria como na prática.

Sendo assim, o objeto que é estudado nessa pesquisa é muito abrangente. A pesquisa de campo, o conhecimento, idiossincrasias e toda experiência advinda da participação na pesquisa antes dessa inserção eram inimagináveis, pois jamais imaginávamos mergulhar tão fundo nessas perspectivas e receber tanto conhecimento quanto ela nos presenteou enquanto estudantes, profissionais e seres humanos, e principalmente por sermos mulheres e estarmos a todo o momento atravessada por muitas dessas questões. Portanto, uma experiência como essa é surpreendente a cada etapa.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B. **Divisão Sexual do trabalho e Trabalho Doméstico**. Recife: SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia. 2009. 92 p. (Série Formação Política).

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. n. 2. São Paulo: Editora Escala, 2012. 192 p. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).

MCCANN, H. Et. al. **O livro do feminismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (As grandes ideias de todos os tempos).